

Miguel Real e Filomena Oliveira, As 7 Vidas de José Saramago, Lisboa, Companhia das Letras, 2022 (747 pp.)

José Vieira

CLEPUL; UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI PADOVA

O centenário de José Saramago, celebrado em 2022, foi prodigioso em congressos, palestras, conferências e atividades culturais, demonstrando uma vez mais o fulgor da obra e da escrita do Nobel português.

De facto, Saramago é um clássico, e por ser um clássico, é o mais universal de todos os escritores de língua portuguesa – os temas da sua obra são sempre contemporâneos porque tudo o que é humano é sempre moderno.

A vitalidade de um autor reside não só na escrita que ele produz, mas acima de tudo, nas personagens e nos temas que aborda. 2022 foi, por isso, a celebração do centenário de um contemporâneo.

Para além do vórtice de atividades, o mundo editorial e os leitores beneficiaram com a publicação de livros de ensaios e edições especiais do autor de *Levantado do Chão*. Um dos acontecimentos literários em torno do Nobel português foi a publicação da biografia de Miguel Real e Filomena Oliveira – *As 7 Vidas de José Saramago*.

A biografia está dividida em três partes pelas quais são repartidas as múltiplas vidas de Saramago, soberbamente analisadas pelos biógrafos.

Na primeira parte, “Três Vidas em meia Vida”, os biógrafos apresentam três vidas: “Primeira vida. Da Azinhaga ao desejo de Josephville (1922-1938)”; “Segunda vida. O escritor falhado e a conquista da primeira muralha de Josephville: a credibilidade social (1939-1953)”; “Terceira vida. Do inferno ao purgatório: Saramago como editor e a origem longínqua da escrita da maturidade (1954-1971)”.

A segunda parte, intitulada “O Tempo Suspenso”, dedica-se exclusivamente à “Quarta vida. Saramago cronista e editorialista (1968-1976)”.

Já a terceira parte, por sua vez, chamada “Nascer de Novo”, aborda a “Quinta vida. Finalmente, Saramago Escritor (1976-1980/Década de 1980)”; “Sexta vida. A consagração internacional (1990-1997)”; “Sétima vida. Afinal, Josephville era o mundo todo (1998-2010)”.

A partir da ideia de “Josephville”, Miguel Real e Filomena Oliveira apresentam uma biografia pautada por dois motes maiores na vida e na obra de Saramago: “a Literatura e a Injustiça” (21). É guiados por estas duas ideias primazes que vamos avançando na leitura da vida de Saramago, através da construção de uma narrativa circunstanciada e muito bem fundamentada, seja a partir de cartórios e registos civis, seja a partir de entrevistas, notícias de jornais, conferências e depoimentos, sem nunca esquecer a obra do próprio autor, tudo isto plasmado numa linguagem clara, escorreita e objetiva bastante, uma vez que “nenhuma biografia é escrita para agradar ou para desagradar ao leitor; esta não pretende agradar aos que se reveem nas palavras de Saramago nem aos que condenam a sua figura. Uma biografia é escrita segundo a consciência do seu autor: entre milhares de fontes e de factos, o autor seleciona os que considera terem sido marcantes na existência do biografado, desenhando-lhe o arco da vida” (21). Todo o livro revela a pesquisa e o estudo rigoroso, na tentativa de criar uma obra ao mesmo tempo acessível, sincera e clara.

De facto, estamos perante uma biografia de investigação séria, que não envereda nem pelo discurso apologético e muito menos pelo difamatório. Manter o equilíbrio, sempre instável, de resto, entre a admiração ou a repulsa e a escrita não desapaixonada, mas cativante, é uma empresa difícil. Filomena Oliveira e Miguel Real conseguiram encontrar esse equilíbrio, ao publicarem uma obra que permite *ver* um Saramago a partir não só dos textos, mas também dos contextos.

Se a Literatura é utilizada sobretudo a partir da criação estética, a Injustiça, por seu turno, surge na denúncia das desigualdades sociais e das instituições ou figuras que nada fazem para combater a hecatombe social e humana.

Para além destes dois grandes motes na vida de Saramago, os biógrafos selecionam três mulheres e três homens que foram essenciais para a formação do autor. Antes das mulheres e dos homens que foram importantes no percurso do biografado, cumpre destacar os seus avós, personagens maiores que haviam de aparecer nas crónicas e no discurso da entrega do prémio Nobel: Josefa Caixinha e Jerónimo Melrinho.

Quanto às mulheres, são Ilda Reis, Isabel da Nóbrega e Pilar del Río. Todas elas influenciaram sobremaneira a vida, o percurso e a obra do autor de *Caim*. Associada à escrita de *Memorial do Convento*, de 1982, é o “amor de Pilar del Río (1986) que salva a vida de José Saramago” (25).

No que diz respeito aos homens, Miguel Real e Filomena Oliveira destacam Nataniel Costa, que leva Saramago para a Editorial Estúdios Cor, em 1959 (232); Augusto da Costa Dias, responsável pelo ingresso do escritor no Partido Comunista Português em 1969 e também como crítico literário na *Seara Nova* (232), e Zeferino Coelho, diretor da Editorial Caminho, que aceitou a publicação das “suas primeiras peças de teatro (*A Noite*, 1979; *O Que Farei com este Livro?*, (1980), de muito difícil venda, e, conhecedor do talento e da nova escrita de Saramago, aceitou, após a recusa de duas editoras (Moraes e Bertrand) o seu primeiro romance (da nova fase de escrita), *Levantado do Chão* (1980)” (232).

Ao longo de toda a biografia, os autores evidenciam o amor intenso de Saramago pela literatura, criando, pois, a narrativa de que a vida do romancista de *Todos os Nomes* tem um destino literário, uma vez que os problemas da sua vida “são os temas da sua obra” (31).

Filho de gente pobre da Azinhaga, Saramago viria a ser um escritor aparentemente serôdio, pois só alcançaria o sucesso nos anos 80, “a década dos prodígios” (410).

No entanto, todo o percurso até à conquista total das muralhas de Josephville será importante para compreendermos de que forma os fracassos políticos, e as polémicas subsequentes, foram essenciais para José Saramago tomar a decisão de ser um escritor profissional, vivendo, assim, daquilo que escrevesse.

Na terceira vida – “Do inferno ao purgatório. Saramago como editor e a origem longínqua da escrita da maturidade (1954-1971)”, os biógrafos colocam o ónus do advento de Saramago em dois aspetos que se revelaram pertinentes ao longo de todo o seu percurso. Em primeiro lugar, “a montanha de leituras que empreendera nas Galveias, a atualização científica, literária, filosófica, histórica a que se submetera, e que nem o casamento interrompera, a permanente necessidade de escrita, experimentando géneros e estilos diversos” (203); em segundo lugar, para além de editor na Estúdios Cor, Saramago torna-se crítico literário na *Seara Nova* entre 1967-68, e cronista nos jornais *A Capital* e *Jornal do Fundão*, entre 1969 e 1971. O contacto com o mundo editorial, as inúmeras leituras e o conhecimento da elite cultural e literária viriam a ser importantes para o escritor em constante aprendizagem e formação.

À parte esse contacto, a escrita das crónicas dá um novo impulso a Saramago, pois apesar de não revolucionarem “o estatuto da crónica” como elemento comum ao jornalismo e à literatura, “dota-o de um suplemento de características mais literárias do que jornalísticas, afastando-a totalmente do género diarístico” (275).

É, de facto, a partir da “Quinta vida – Finalmente Saramago escritor (1976-1980/década de 1980)”, que podemos entender que “Josephville (...) demorara

mais de meio século a construir a sua cidade, aliás, a conquistá-la, através da literatura” (129).

Nesta biografia fica realçada uma vez mais a ideia de Saramago não distinguir o autor e escritor do cidadão. É ainda com as crónicas, lençol freático estético-literário e de consciência social da obra saramaguiana, mas sobretudo a partir de *Levantado do Chão*, que o Nobel português supera todas as muralhas e inaugura a tão ansiada Josephville. Se “fracassara politicamente (...), encontrara a companheira que era, ela própria, essa ansiada utopia” (446). A companheira é Pilar del Río e é também a literatura. A ideia de que a literatura salvou Saramago é uma constante ao longo da biografia, sobretudo a partir da escrita e publicação de *Memorial do Convento*, por ser “um dos raros textos da literatura portuguesa que interpenetra de um modo admirável Vida e Literatura, Arte e Cidadania, Existência e Reflexão” (416).

De facto, *As 7 Vidas de José Saramago* tem como pano de fundo, qual estática ou ressonância inicial do *Big Bang*, a noção de que a vida de Saramago é metonímia e metáfora da obra, não num sentido biografista ou científico, mas antes com a noção de que o percurso do escritor português foi indispensável para a criação de uma obra ao mesmo tempo portuguesa e universal.

Com a entrega do prémio Nobel em 1998, dá-se, como escreveu Eduardo Lourenço, a criação do “mito Saramago” (35). O menino fruto de gente comum e vulgar, destinado ao trabalho e ao anonimato viria ocupar o lugar que lhe pertence: o dos imorredouros. Daí a escolha feliz não só do título desta biografia, que efetivamente reflete o homem eclético e viandante das sete partidas da vida e do mundo, mas também a seleção da fotografia da capa, revelando um Saramago atento, que perscruta e repara, do fotógrafo Sérgio Lemos.

Na verdade, a vida do escritor “tratou-se de uma luta épica, hercúlea, de um homem que só possui como arma a sua voz e a sua escrita” (591) para persuadir as pessoas de que o mundo está desorientado e a humanidade doente.

Se a escrita de José Saramago ilumina e *faz ver*, ver melhor, reparar nas coisas e nas injustiças do mundo, a biografia de Miguel Real e Filomena Oliveira é um livro também ele essencial não só para académicos e estudiosos da obra do autor português, mas também, e sobretudo, para todos os leitores, todos e todos, pois como Saramago teve sete vidas, acreditamos que há um livro de Saramago capaz de seduzir cada leitor. Um escritor como Saramago escreve para todos os tempos e escrever para todos os tempos é um ato de presente, de um constante presente que se renova a cada leitura, a cada reflexão, a cada partilha.